

RELATOS DE ALUNOS CEGOS SOBRE O USO DO GUIA VIDENTE COMO ESTRATÉGIA DE LOCOMOÇÃO NOS AMBIENTES ESCOLARES

STUDENT REPORTS ON THE USE OF THE SIGHTED GUIDE AS LOCOMOTION STRATEGY IN THE SCHOOL ENVIRONMENTS

Loiane Maria Zengo

Maria Luiza Salzani Fiorini

Eduardo José Manzini

Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp, Campus de Marília

Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista - FAIP

Resumo

O uso do guia vidente é uma das estratégias mais utilizada nos ambientes escolares em se tratando da locomoção de pessoas cegas. Essa estratégia, quando bem executada, oferece à pessoa cega segurança física e contribui para o reconhecimento e a familiarização dos ambientes. Dentro desse tema, poder-se-ia questionar: como os alunos cegos descrevem o uso dessa estratégia nos ambientes escolares? Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi identificar a opinião de alunos cegos sobre o uso do guia vidente como estratégia de locomoção nos ambientes escolares. Seis alunos cegos, matriculados no ensino regular, participaram da pesquisa. O procedimento de coleta de dados ocorreu por meio da entrevista semiestruturada. A análise dos relatos revelou cinco categorias: pontos positivos e pontos negativos sobre o auxílio do guia vidente em ambientes externos mais frequentados dentro da escola; pontos positivos e pontos negativos sobre o auxílio do guia vidente em ambientes internos mais frequentados dentro da escola; e, pontos positivos ao receber o auxílio do guia vidente em ambientes menos frequentados dentro da escola. Por meio dos relatos, foi possível perceber que o auxílio do guia vidente foi fundamental, principalmente em se tratando de ambientes externos escolares mais frequentados e de ambientes escolares menos frequentados. A relação de confiança foi o fator determinante para que o deslocamento fosse mais rápido e seguro. Em contrapartida, foi identificado que o fato de os alunos, que atuam como guia, não saberem como lidar com os alunos cegos em determinadas situações, gerava insegurança e desconforto, fazendo com que os participantes, nesses casos, preferissem não se locomover e/ou preferiam utilizar outras estratégias para isso. Diante dos dados, conclui-se que, por não terem o conhecimento de como oferecer ao aluno cego um papel ativo durante o deslocamento e um desenvolvimento mais eficaz de suas capacidades e habilidades, toda a instituição escolar deveria receber uma formação qualificada referente às técnicas de Orientação e Mobilidade.

Palavras-chave: Educação Especial. Orientação e Mobilidade. Guia Vidente.

Abstract

The use of the sighted guide is one of the strategies most used in school environments when it comes to locomotion of blind people. This strategy, when well executed, offers the blind person physical security and contributes to the recognition and familiarization of environments. Within this theme, one could question: how blind students describe the use of this strategy in school environments? In this sense, the objective of this study was to identify the opinion of blind students about the use of the sighted guide as a locomotion strategy in school environments. Six blind students, enrolled in regular education, participated in the research. The data collection procedure was the semistructured interview. The analysis

of the reports revealed five categories: positive and negative points about the help of the psychic guide in the most frequented outdoor settings within the school; positive points and negative points about the help of the sighted guide in the most frequent internal environments inside the school; and, positives to receiving assistance from the psychic guide in less crowded environments within the school. Through the reports, it was possible to perceive that the help of the sighted guide was fundamental, especially when dealing with more frequent school environments and less frequent school environments. The relationship of trust was the determining factor so that the displacement was faster and safer. On the other hand, it was identified that the fact that the students, who are guides, did not know how to deal with the blind students in certain situations, generated insecurity and discomfort, causing the participants, in these cases, to prefer not to move and / or preferred to use other strategies for this. Given the data, it is concluded that, because they do not have the knowledge of how to offer the blind student an active role during the displacement and a more efficient development of their abilities and abilities, the whole school institution should receive a qualified training regarding the techniques of Orientation and Mobility.

Keywords: Special Education. Orientation and Mobility. Sighted Guide.

1 Introdução

Dentre as diferentes estratégias de locomoção empregadas por pessoas cegas, o uso do guia vidente pode ser considerado como a mais utilizada (MACIEL, 1988, 2003). Quando bem executada, tem como objetivo oferecer maior segurança física à pessoa cega, além de ser a estratégia mais eficaz para que o reconhecimento e familiarização dos ambientes – a elaboração do mapa mental¹ – possa ocorrer (GARCIA, 2003; ZENGO; FIORINI; MAZINI, 2016).

O guia vidente pode ser definido como uma pessoa que não possui restrições visuais, que auxilia uma pessoa cega, e/ou baixa visão, durante o deslocamento nos diferentes ambientes (FELIPPE, 2001; GARCIA, 2003; MACIEL, 1998; 2003).

Em se tratando do contexto escolar, é possível afirmar que a maioria dos estudantes cegos dispõe de algumas pessoas que atuam como guias durante o deslocamento nos ambientes, sendo que esta seleção varia desde colegas de sala até funcionários da instituição.

A principal finalidade do guia vidente, durante a locomoção, é oferecer à pessoa cega, informações verbais e cinestésicas que sejam claras e objetivas a fim de que a pessoa possa interpretar cada uma delas corretamente, para, assim, executar os movimentos correspondentes (FELIPPE; FELIPPE, 2001; MACIEL, 1998; 2003; MELO, 1991; NOVI, 1996). Nesse sentido, para que a locomoção seja de fato segura e natural, é imprescindível que o guia saiba como oferecer estas informações e a pessoa cega saiba como interpretá-las e como agir diante delas.

¹ Apropriação e reconhecimento natural do ambiente e suas especificidades estruturais.

Com o intuito de oferecer uma sistematização para o oferecimento e a interpretação dessas informações, é que foram elaborados os programas de Orientação e Mobilidade (BRUNO; MOTA, 2001; FELIPPE, 2001; FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; GIACOMINI, 2008; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010; MACIEL, 1988; 2002; MAGALHÃES, 2010; MELO, 1991; NOVI, 1996). Tais programas podem ser definidos como sessões de atendimentos e possuem o objetivo de ensinar e treinar as diferentes técnicas de locomoção – considerando as técnicas de autoajuda, com o guia vidente e com a bengala – para que pessoas cegas possam se locomover de maneira mais segura, autônoma e independente nos diferentes ambientes (BRUNO; MOTA, 2001; FELIPPE; FELIPPE, 1997; GIACOMINI, 2008; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010; MAGALHÃES, 2010).

Em se tratando das técnicas com o guia vidente, os programas de Orientação e Mobilidade têm como objetivo ensinar e treinar a execução de técnicas específicas para que tanto o guia quanto a pessoa cega saibam como agir nas diferentes situações de locomoção. Para o guia, o treinamento é direcionado ao ensino do oferecimento das informações – cinestésicas e verbais – necessárias a fim de que, ao final do treinamento, ele seja capaz de descrever o ambiente de forma clara, porém, detalhada, e de considerar variáveis como: 1) o tipo de ambiente (interno e externo); 2) objetivo da locomoção; e, 3) a situação em que se encontram (local muito ou pouco movimentado, público ou privado etc.). Portanto, é preciso que o guia vidente se aproprie desse conhecimento para saber qual a técnica mais apropriada a ser utilizada, e assim, oferecer as informações cinestésicas referente a ela (FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; MACIEL 1988; 2003).

Já para a pessoa cega, o foco do treinamento está na tanto interpretação das informações oferecidas pelo guia quanto na aprendizagem e treinamento da execução dos movimentos correspondentes a essas informações. Nesse sentido, é fundamental destacar que, ao contrário do que o senso comum dissemina, a locomoção com o guia vidente não pode ser considerada como exclusivamente dependente – onde a pessoa cega depende totalmente do guia para se locomover, uma vez que, para que a locomoção seja de fato segura e natural, de modo a oferecer uma maior autonomia de movimentos à pessoa cega, é preciso que ambos dominem seus respectivos movimentos em relação a cada uma das técnicas (GARCIA, 2003; MELO, 1991).

Embora esta seja considerada a estratégia de locomoção mais segura para pessoas cegas, é possível perceber, por meio da literatura, que dificilmente alunos cegos, e seus respectivos guias, tenham participado de programas de formação especializados (ZENGO; FIORINI; MAZINI, 2016, 2017). Considerando que mesmo sem terem participado de um programa voltado ao treinamento das técnicas de Orientação e Mobilidade, alunos cegos não deixam de se locomover utilizando esta estratégia, tem-

se como pergunta de pesquisa: *qual a opinião de alunos cegos acerca do uso do guia vidente como estratégia de locomoção nos ambientes escolares?*

Portanto, no estudo, objetivou-se identificar a opinião de alunos cegos sobre o uso do guia vidente como estratégia de locomoção nos ambientes escolares.

2 Método

Trata-se de um estudo de caráter descritivo. Os participantes selecionados atenderam aos seguintes critérios: 1) ter diagnóstico de cegueira; 2) estar matriculado no Ensino Regular, a partir do 5º ano, uma vez que, antes dessa fase, a recomendação é para o uso da pré-bengala.

Seis alunos cegos congênitos participaram da pesquisa. Foram nomeados como: P1, P2, P3, P4, P5 e P6. Vale ressaltar que, além da cegueira, P2 também possuía deficiência física nos membros superiores e P1, P3 e P4 possuíam resíduo visual (percepção de claridade e para presença de vultos). A média de idade dos participantes foi de 13 anos, sendo que o mais novo tinha 11 anos e o mais velho 15.

Para esta pesquisa, todos os procedimentos éticos² necessários foram realizados.

2.1 Procedimentos para coleta de dados

Os dados foram coletados por meio da entrevista semiestruturada, que pode ser definido por Manzini (2006) como um procedimento para a busca de informações objetivas, face a face com o entrevistado e tem como característica a utilização de um roteiro previamente elaborado.

Para a elaboração do roteiro utilizado neste estudo foram consideradas tanto as estratégias de locomoção apresentadas pela literatura (BRUNO; MOTA, 2001; FELIPPE; FELIPPE, 1997; GIACOMINI, 2008; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010; MACIEL, 1988, 2003; MAGALHÃES, 2010) quanto à experiência profissional da pesquisadora, que atuou como professora de Orientação e Mobilidade em uma instituição especializada numa cidade do interior de São Paulo no período de um ano.

A primeira versão foi encaminhada e analisada por dois juízes, para que fosse adequado conforme o objetivo do estudo. A versão final contou com 56 questões que versavam sobre diferentes estratégias de locomoção, tais como, as estratégias de rastreamento, de mapa mental, com o guia vidente e com a bengala.

² Os termos de assentimento e consentimento foram assinados pelos próprios participantes e seus responsáveis

As entrevistas foram realizadas individualmente e tiveram a duração média de 50 minutos. O local das entrevistas variou conforme a disponibilidade de cada participante. Os áudios foram gravados.

2.2 Tratamento e análise dos dados

Os áudios das entrevistas foram transcritos em sua totalidade. Para que fosse oferecido um nível clareza maior aos relatos, optou-se por utilizar tanto as normas gramaticais quanto as simbologias propostas por Marcuschi (1986). Posterior à transcrição, os conteúdos de cada uma das entrevistas foram analisados por meio da análise do conteúdo proposto por Bardin (2010), que de acordo com a autora, é definida pela junção dos elementos dos discursos relacionados a um mesmo assunto.

A partir desta análise foi identificada uma categoria: locomoção com o guia vidente e cinco subcategorias: 1) pontos positivos de receber o auxílio do guia vidente em ambientes externos mais frequentados dentro da escola; 2) pontos negativos sobre o auxílio do guia vidente em ambientes externos mais frequentados dentro da escola; 3) pontos positivos de receber o auxílio do guia vidente em ambientes internos mais frequentados dentro da escola; 4) pontos negativos sobre o auxílio do guia vidente em ambientes internos mais frequentados dentro da escola; e, 5) pontos positivos de receber o auxílio do guia vidente em ambientes menos frequentados dentro da escola.

3 Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados a partir das cinco categorias identificadas.

3.1 Pontos positivos de receber o auxílio do guia vidente em ambientes externos mais frequentados dentro da escola

Um dos ambientes escolares é o externo, que pode ser caracterizado como aqueles em que os alunos precisam se locomover para ir de uma sala a outra. Estes ambientes podem ser chamados também de ambientes abertos. Dentre os ambientes externos mais citados pelos participantes estão os corredores, as escadas, os pátios, os refeitórios e as cantinas.

A partir da análise dos relatos, foi possível identificar que todos os participantes possuem pessoas que os auxiliam durante a locomoção nestes ambientes. Para todos eles, os amigos mais próximos é que fazem o papel do guia vidente nesses ambientes, ou seja, eram seus amigos quem os acompanhavam no intervalo e nos deslocamentos de uma sala à outra.

Em se tratando dos ambientes externos escolares mencionados, os estudantes relataram que duas situações diferentes poderiam ser vivenciadas, a primeira que se caracterizava pelos momentos em que havia muitas pessoas transitando – como nos momentos de intervalo, chegada e saída – e a segunda, nos momentos em que havia poucas pessoas transitando – como no horário de aula. Em ambos os casos, os estudantes citaram que poderiam ser dois os principais benefícios de se locomover com uma pessoa sem restrições visuais: o oferecimento de uma locomoção mais rápida e ágil e o oferecimento de uma locomoção fisicamente mais segura.

Em se tratando da agilidade da locomoção, os estudantes relataram que em situações em que eles precisavam se locomover com mais rapidez – como no momento do intervalo, para ir para a fila da cantina, por exemplo – estar com um guia vidente era a estratégia mais adequada, uma vez que pelo fato de a locomoção ser mais rápida e eles não corriam o risco de “perder” o horário do intervalo tentando encontrar o final da fila.

Considerando que dentre os três tipos de locomoção, a que é executada com o guia vidente seja considerada como a mais dependente, tal dado remete ao fato de que em algumas situações, locomover-se com o auxílio de outra pessoa torna-se uma estratégia mais interessante do que ser independente e, como no exemplo anteriormente mencionado, não conseguir resolver, de maneira rápida, os problemas advindos das situações. Nestes casos, faz-se necessário compreender a importância de o aluno ter o poder de decisão para escolher a estratégia de locomoção mais apropriada para cada uma das situações, mesmo que ele saiba utilizar a bengala e consiga se locomover independentemente.

Após a análise das entrevistas, foi possível identificar, ainda, que nenhum dos seis participantes – nem seus respectivos guias – havia recebido o treinamento das técnicas de Orientação e Mobilidade. Dessa forma, constatou-se que, embora ambos – alunos cegos e guias – soubessem como se locomover de maneira funcional – pois, conseguiam sair de um determinado ambiente e se deslocar até outro – eles não tinham conhecimento sobre como fazer isso de modo permitir que o aluno fosse um membro ativo da locomoção, oferecendo a ele maior autonomia de movimentos.

Embora a literatura não aborde sobre os prejuízos acarretados pelo fato de uma pessoa cega locomover-se com uma pessoa vidente sem que tenha o domínio das técnicas, é preciso enfatizar que o pior deles é o fato de que, durante a locomoção, a pessoa cega acaba se tornando, na maioria das vezes, dependente do outro. Em outras palavras, ela deixa de ser um membro ativo da locomoção e passa a ser um membro dependente, não sendo permitido que ela possa escolher como executar os movimentos. Dessa forma, é possível entender que mediante a falta de conhecimento sobre as técnicas específicas, a locomoção entre ambos, apesar de ser funcional, era passiva e dependente.

Outro aspecto mencionado como ponto positivo para o uso do guia vidente como estratégia de locomoção foi o fato de que estar com uma pessoa para se locomover contribuía para a segurança física deles durante o deslocamento. Para P1, por exemplo, estar acompanhado fazia com que ele se locomovesse com mais segurança, uma vez que frente a qualquer obstáculo, ele estava certo de que o guia teria o cuidado de avisá-lo, informando como ele deveria agir para ultrapassá-lo, a fim de que acidentes pudessem ser evitados.

[...] qual a sua opinião sobre ter o auxílio de pessoas para sua locomoção nesses ambientes [...]? (E).

[...] É ótimo né? Pela questão [...] do risco de você estar trombando, tropeçando, caindo. Eles te ajudam no desvio. Eles te avisam [...] (P1).

De fato, uma das funções principais do guia é oferecer à pessoa cega a segurança física necessária durante o deslocamento (FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; MACIEL, 1988, 2003). Ademais, o fato de o guia instruir a pessoa cega para que ela ultrapasse obstáculos – buracos, degraus, alteração de superfícies etc – favorece a construção da memória motora do indivíduo. Ou seja, ele vai descobrindo novas formas de se movimentar, podendo, com o tempo, generalizar esse uso para outros ambientes em outras situações.

No entanto, é preciso que o guia saiba como fazer isso de maneira clara e objetiva, a fim de que a pessoa cega não se confunda e acabe ficando insegura em executar o movimento. E uma das formas de saber como instruir a pessoa cega com eficiência é por meio do treinamento das técnicas Orientação e Mobilidade.

Em casos que o guia não tem o domínio sobre como instruir o estudante para ultrapassar e/ou desviar de obstáculos durante a locomoção corretamente, além de bloquear a construção da memória motora, faz com que a pessoa, com o passar do tempo, se sinta insegura em se locomover.

Além desses benefícios, P6 destacou, ainda, o fato de que se locomover com um guia nos ambientes externos permitia que ele não tivesse a necessidade de usar a bengala. De acordo com o estudante, utilizar a bengala para se locomover era incômodo, pois, o diferenciava dos outros alunos. Em decorrência disso, ele preferia se locomover com outras pessoas.

Por que você não gosta de andar com a bengala? (E).

Porque é ruim... Por que eu não gosto, eu gosto de andar normal. (P6).

Você acha que quando você está com a bengala você não é normal? (E).

Sim, acho. (P6).

É importante destacar que nem sempre a cegueira pode ser identificada visualmente, uma vez que são inúmeros os motivos pelos quais a pessoa pode nascer e/ou adquiri-la. Em alguns casos – quando há o rompimento do nervo óptico, por exemplo – dificilmente a ausência da visão poderá ser identificada, uma vez que os danos são internos, não havendo mudanças físicas. Nesses casos, uma das poucas formas de uma pessoa ser identificada como cega é por meio do uso da bengala. E, em decorrência dos estereótipos formados pela sociedade – tais como a inferiorização da pessoa com deficiência, a perda da autoestima, acompanhada da subestimação de si mesmo – é que muitas vezes, as pessoas cegas rejeitam o uso da bengala (MACIEL, 1988, 2003).

Tais dados vão ao encontro do relato de P6, que diante da falta de auxílio do guia vidente, prefere não se locomover:

E quando nenhuma de suas amigas está na escola, como você faz para se locomover? (E)

Aí eu ando com a...Eu fico sentada. (P6).

Os relatos permitem constatar que o guia vidente é uma estratégia funcional, que oferece mais rapidez e segurança para a locomoção no dia a dia dos alunos cegos, considerada, por eles, como a estratégia mais utilizada nos ambientes externos escolares.

3.2 Pontos negativos sobre o auxílio do guia vidente em ambientes externos mais frequentados dentro da escola

Mesmo sendo esta a estratégia mais utilizada pelos participantes nos ambientes externos escolares, os estudantes relataram que, em alguns casos, ser auxiliado por uma pessoa vidente não era uma estratégia apropriada.

De acordo com os estudantes, o principal ponto negativo para o uso do guia vidente como estratégia de locomoção nos ambientes externos escolares era a falta de uma relação de confiança entre eles e o guia. Para os participantes, a confiança foi caracterizada como o fator determinante para o sucesso da locomoção. Assim, a falta dela foi entendida como o ponto principal para que eles se sentissem inseguros ao se locomover com determinadas pessoas, optando nesses casos, por utilizar outras estratégias de locomoção – tais como rastreamento e a bengala – ou então, não se locomover – como no caso de P6.

Em se tratando da importância do estabelecimento da relação de confiança entre a pessoa cega e o guia e das consequências de sua ausência, P1, P2 discutiram que:

[...] quando você está com alguém que você já conhece e que você tenha confiança, você sabe quando tiver alguma coisa ele vai falar [...], porém, [...] se for com alguém [...] que você não conhece, ela não vai saber lidar com você, não vai saber quando ela tem que te avisar, não vai saber como tem que fazer [...] (P1).

Quando não conhece a pessoa [...] se tem “topete” na frente, ele pode se esquecer de avisar. Quando tem alguma coisa na frente [...] um obstáculo, [...] o portão [...] a parede, pode se esquecer de avisar. (P2).

Ao analisar os relatos, foi possível perceber que a relação de confiança vai além de ambos já terem se locomovido juntos ou não, de acordo com os estudantes, é preciso que eles percebam que a pessoa é honesta, é “legal” e que não vai deixar que eles passem por quaisquer situações de constrangimento. Como exemplo, segue o relato de P4 ao ser questionado sobre qual seria sua reação se um aluno de outra sala, que ele não tivesse contato, oferecesse auxílio:

Eu não ia confiar muito né... Sei lá, eu não conheço ela pode estar armando alguma coisa para mim né? Esse é um dos meus medos. Então eu só confio em pessoas que eu conheço [...] eu sou meio prevenido. Demora um pouco para eu confiar nas pessoas. Tem que mostrar para mim que não é um estranho e que não vai armar nada, né? (P4).

E P3 ressaltou:

[...] Eu tenho que confiar um pouquinho naquela pessoa, tenho que ver se aquela pessoa é [...] legal [...] (P3).

A partir destes dados, torna-se importante destacar a necessidade da conquista da confiança das pessoas cegas para que elas possam se locomover com a maior segurança e naturalidade possível junto com o guia.

Outro ponto negativo, apontado por P3, foi o fato de que embora eles necessitem do auxílio das pessoas para se locomover nos ambientes externos, muitas vezes fez com que o deslocamento se tornasse mais lento. De acordo com ele:

Ir com o guia é um pouco mais lento [...] Porque como são duas pessoas andando, uma segurando no ombro da outra, tem que andar meio junto [...] e é perigoso tropeçar um no pé do outro [...] Fica um pouco mais difícil. (P3).

Este relato pode ser caracterizado como mais um exemplo de como a falta de treinamento pode ocasionar uma locomoção desconfortável, tanto para o guia quanto para a pessoa cega. Dentre os diferentes comportamentos a serem treinados nos programas de Orientação e Mobilidade, está o comportamento de posicionamento com o guia. Tal comportamento é fundamental para que situações como essa, relatada por P3, não ocorra. Neste caso, entende-se que caso P3 soubesse se posicionar corretamente ao se locomover com o guia, sua opinião sobre seu uso em ambientes externos, poderia ter sido outra.

Ademais, é importante ressaltar que no treinamento das técnicas de Orientação e Mobilidade, o guia é informado sobre como se posicionar com a pessoa cega, e ainda, sobre a importância de ele se adaptar ao desenvolvimento da locomoção dela, para que a locomoção possa ser segura e natural. Por exemplo, ao iniciar o ano letivo em uma

instituição nova, a velocidade da locomoção de um aluno cego, provavelmente será mais lenta, no entanto, com o passar do ano, pelo fato de ter um mapa mental melhor elaborado e a memória motora mais desenvolvida, a velocidade da locomoção poderá aumentar. Em casos como esses, é imprescindível que o guia tenha a sensibilidade de acompanhar essa mudança de velocidade para que possa oferecer ao aluno uma locomoção mais confortável, segura e natural.

3.3 Pontos positivos de receber o auxílio do guia vidente em ambientes internos mais frequentados dentro da escola

Outro ambiente escolar é o interno que também pode ser chamado de ambientes fechado. Ou seja, são aqueles que possuem portas para o acesso. Os ambientes internos citados pelos participantes foram: as salas de aula, a coordenação, a direção, a quadra, a sala de recursos, o banheiro, a biblioteca a sala de informática e a sala de vídeo.

Ao serem questionados, foi identificado que somente o P1 fazia uso do guia vidente nos ambientes internos. De acordo com o estudante, ter o auxílio de uma pessoa para se deslocar nestes ambientes:

Facilita e muito! [...] Pela questão de você já não ter aquela preocupação de trombar em algum lugar, de trombar em alguém, ele já te desvia [...] Daí facilita bastante. (P1).

Nesse sentido, foi identificado que o único ponto positivo para o uso do guia vidente foi o fato de que a locomoção se tornava mais rápida e segura, uma vez que por conhecer e confiar nas pessoas que o guiava – melhores amigos – ele sabia que não iria sofrer nenhum tipo de situação constrangedora – trombar com pessoas ou móveis, chocar contra a parede e etc.

Referente ao não uso desta estratégia pelos outros participantes, foi identificado que, por conhecer bem os ambientes internos citados, P2, P3 e P4 optavam por utilizar outras estratégias de locomoção, tais como o rastreamento e o mapa mental. Para eles, era inútil ter o auxílio de uma pessoa nestes ambientes, uma vez que eles conseguiam se locomover independentemente.

Diante dos relatos, pode-se perceber que embora os ambientes internos fossem compostos por muitos alunos e muitos mobiliários, eles foram caracterizados como os ambientes onde P2, P3 e P4 se locomoviam com maior independência, ou seja, sem o auxílio de outra pessoa.

Diante deste dado, vale ressaltar que estar diariamente em um ambiente faz com que a pessoa cega, caso seja bem instruída, vá construindo o mapa mental do local e se adequando as especificidades dele. Dessa forma, conforme o aluno vai se apropriando do ambiente – por meio da identificação dos pontos de referência, da experimentação física do local – ele vai dominando seus movimentos em relação ao ambiente, até o

momento em que ele não precisará de auxílio de outra pessoa e poderá se locomover com mais independência.

Diferentemente dos outros participantes, P5 e P6 relataram que o principal fator para que eles não fizessem o uso do guia vidente para se locomover nos ambientes internos escolares foi o fato de eles não se locomoverem dentro destes ambientes. De acordo com P5 e P6, o único momento em que eles faziam o uso do guia vidente era quando chegavam nestes ambientes – e eram posicionados em suas carteiras e/ou cadeiras – e no momento em que o horário de aula se encerrava e eles precisava sair destes ambientes.

A partir deste dado, é possível discorrer sobre a importância e a necessidade da realização de um trabalho que seja colaborativo. Em linhas gerais, a conquista da locomoção independente, não pode se basear em um ensino isolado e/ou empírico de uma ou outra área do conhecimento (MACIEL, 1988, 2003). Dessa forma, é fundamental que profissionais de diferentes áreas – tais como psicólogos, professores, educadores físicos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas – estejam envolvidos e trabalhem colaborativamente para que os diferentes aspectos do desenvolvimento possam ser estimulados.

Nesse caso, por exemplo, mais que dominar as técnicas específicas de Orientação e Mobilidade, era preciso que fossem trabalhados aspectos voltados à confiança, segurança, autoestima, além de conceitos referentes à orientação e organização espacial, entre outros.

3.4 Pontos negativos sobre o auxílio do guia vidente em ambientes internos mais frequentados dentro da escola

Em se tratando dos pontos negativos sobre uso do guia vidente em ambientes internos os quais os participantes tivessem familiaridade, P3 relatou que o fato de os outros alunos ficarem se movimentando pela sala o deixava desconfortável em utilizar esta estratégia.

De acordo com o estudante, às vezes em que P3 optou por se locomover com guia nestes ambientes, os outros alunos acabavam trombando neles, fazendo com que eles se separassem, e, em consequência disso, ele acabava ficando “perdido”. Ao perceber que situações como essas começaram a ficar recorrentes, ele decidiu aprender outras formas de se locomover em ambientes fechados, de modo que ele fosse tão dependente do outro e assim, não passasse por situações como essas. Assim, ele foi aprendendo a se locomover utilizando o rastreamento e a bengala.

O fato de os outros participantes não fazerem o uso do guia vidente em ambientes fechados, fez com que eles não soubessem opinar sobre os pontos negativos para seu uso.

3.5 Pontos positivos de receber o auxílio do guia vidente em ambientes menos frequentados dentro da escola

Esta subcategoria refere-se aos ambientes escolares que são menos frequentados pelos participantes. Foram citados por eles: a sala de informática, o estacionamento, os corredores afastados, a sala do diretor, o laboratório, a sala da coordenação e a sala de vídeo.

Após a análise dos relatos, foi possível identificar que todos os estudantes que participaram desta pesquisa indicaram o guia vidente como essencial para chegar à esses ambientes e se locomover neles. De acordo com os estudantes, o principal benefício para estar acompanhado do guia, era que por meio dele, informações sobre a estrutura do ambiente e sobre o seu posicionamento em relação ao meio, eram oferecidas com maior riqueza de detalhes.

Para os estudantes, essa estratégia se configurou com a mais apropriada para que eles obtivessem as informações necessárias para elaborar o mapa mental desses ambientes com mais presteza. Segundo P4, ter o auxílio de uma pessoa vidente para guia-lo nesses ambientes:

É bom, no começo é bom elas me ajudarem a andar por que depois eu vou saber aonde é cada coisa [...]. (P4).

De fato, um dos papéis mais importantes do guia vidente, principalmente em ambientes que são pouco frequentados e/ou desconhecidos, é oferecer informações detalhadas sobre o ambiente para que a pessoa cega se aproprie delas, e assim, consiga elaborar o mapa mental do local (FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; MACIEL, 1988, 2003).

No entanto, descrever os ambientes e as estruturas pelas quais eles são compostos não é uma tarefa muito simples, é preciso que a pessoa saiba como oferecer essas informações de maneira objetiva e clara para que o estudante possa compreender cada uma delas e por fim, domine esses espaços com maior naturalidade. Situação essa que se não for bem administrada, pode fazer com que a pessoa cega não consiga dominar os espaços, acarretando insegurança e, conseqüentemente, a dependência da locomoção.

4 Conclusões

Conclui-se que, o uso do guia vidente é essencial para a locomoção dos alunos cegos, principalmente em se tratando da locomoção nos ambientes externos escolares mais frequentados e nos ambientes escolares menos frequentados.

Diferentemente disso, ao se locomoverem em ambientes internos mais frequentados, esta não se torna a estratégia mais adequada. Sendo ao uso da bengala e o rastreamento aquelas que oferecem a eles mais independência.

Conclui-se ainda, que por esta ser uma das estratégias mais utilizadas pelos alunos nos ambientes escolares, que o treinamento das técnicas específicas dos programas de Orientação e Mobilidade indispensável para que seja oferecido ao aluno um papel ativo na locomoção, uma autonomia de movimentos e uma naturalidade na locomoção.

Considerando estes dados, o presente estudo sugere que toda a comunidade escolar – professores, alunos, funcionários e gestão – receba uma formação qualificada, a fim de que tenham conhecimento sobre como favorecer desenvolvimento dos diferentes aspectos – psicomotores, psicológicos, físicos e sociais – do aluno.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 2010.
- BRUNO, M.M.G.; MOTA, M. da G. B. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência visual*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001.
- FELIPPE, J.A. de M. *Caminhando juntos: manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade*. São Paulo: Laramara, 2001.
- FELIPPE, J.A. de M.; FELIPPE, V. L. R.. *Orientação e mobilidade*. São Paulo: Laramara - Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 1997.
- GARCIA, N. Como desenvolver programas de orientação e mobilidade para pessoas com deficiência visual. In: MACHADO, E.V. et al. (Org.). *Orientação e mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual*. Brasília, DF: MEC, SEESP, 2003. p.67-120.
- GIACOMINI, L. *Análise de um programa: “passo a passo” orientação e mobilidade para pessoas surdocegas*, 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/w7aCu>>. Acesso em: 24 jan. 2016.
- GIACOMINI, L.; SARTORETTO, M.L.; BERSCH, R. de C.R. *A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: orientação e mobilidade, adequação postural e acessibilidade espacial*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2010.
- MACIEL, S.F. *Manual de orientação e mobilidade: subsídios para o ensino das técnicas de locomotividade ao deficiente visual*. Belo Horizonte: Convenio See - Mg/fafi-bh, 1988.
- MACIEL, S.F. *Manual de orientação e mobilidade: o “ir e vir” do deficiente visual*. São Paulo: CMDV - Portal do Deficiente Visual, 2003. Disponível em: <http://inclusao.ese.ipp.pt/files/MOBILIDADE/Manual_de_Orientao_e_Mobilidade.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017

MAGALHÃES, A.T. *Orientação e mobilidade*: estudo sobre equilíbrio e estratégias de locomoção utilizadas pelo professor, 2010. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação, Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://migre.me/w7aDmy>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: em estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. *Pesquisa e educação especial*: mapeando produções. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, H.F R. *Deficiência visual*: lições práticas de orientação e mobilidade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

NOVI, R.M. *Orientação e mobilidade para deficientes visuais*: o sol que faltava em minha vida. Londrina: Cotação da Construção, 1996.

ZENGO, L.M.; FIORINI, M.L.S.; MANZINI, E.J. Estratégias de locomoção utilizadas por alunos cegos em diferentes ambientes escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., São Carlos, 2016. *Anais...*, São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2016, p. 1. Disponível em: <<http://migre.me/w7aBG>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

ZENGO, L.M.; FIORINI, M.L.S.; MANZINI, E.J. Estratégias de locomoção em ambientes escolares: opinião de alunos cegos acerca do uso da bengala. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ADAPTAÇÕES, 6., São Carlos, 2017. *Anais...*, Presidente Prudente: Universidade Federal de São Carlos, 2017, p. 1.

Notas sobre os autores

Loiane Maria Zengo

Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Campus de Marília. lozengo@hotmail.com

Maria Luiza Salzani Fiorini

Docente do Curso da Graduação em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado), na Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP). mazinhasf@yahoo.com.br

Eduardo José Manzini

Docente do Departamento de Educação Especial e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Campus de Marília. manzini@marilia.unesp.br

Recebido em: 10/01/2018

Reformulado em: 29/01/2018

Aprovado em: 29/01/2018